ESTUDOS
UNIVERSITÁRIOS

Revista de Cultura da UFPE

Conto

Texto submetido em: 19 abr. 2021. Aprovado em: 17 maio 2021.

GIRALDI, Nilson. No encaço do resguardado. *Estudos Universitários: revista de cultura*, UFPE/Proexc, Recife, v. 38, n. 1, p. 489-496, jan./jun., 2021.

DOI: 10.51359/2675-7354.2021.250231

ISSN Edição Digital: 2675-7354

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

No encalço do resguardado

Nilson Giraldi

Rádio UEL FM, Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Médico Veterinário, Doutor em Epidemiologia

E-mail: contato@nilsongiraldi.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-2086-4688>

Caçar um cabra esse sertão do mundo afora é dificultoso. Muitos caminhos, mais ainda os descaminhos. Requer paciência, exige disciplina. Carece, antes de tudo, de forte decisão, de peito. Assim foi que me arrojéi à estrada, sendas, *trilhazinhas*, veredas e desencontros do pequeno mundo que cabe sob meus pés, em busca desse ser.

A regra é iniciar a caçada por perto, depois ir expandindo para mais além. Vai-se evoluindo com os relatos, as indicações, os boatos, as mentiras. Indo e retrocedendo, que por vezes se evolui mesmo é pro ponto de partida. Assim sendo, resolvi não sair, começar no em roda, nos pertos. Principiei por uma estante, umas prateleiras. Fui perseguindo por elas, arrodando, desfolhando folhas, folheando livros. Surgiram pistas, deslumbre e informações. Umas imagens, muito visíveis, nem sempre reveladoras. É retornar para as prateleiras. Revirar o virado, refazer o mexido. Aclarar. Ali sempre parece pouco; por vezes é o muito. Mas é na boca dos outros que moram os procurados, lá esconde-se o verbo. A arte é enfiar ouvido nos céus dessas bocas todas. Róseas, bafentas, tortas, mucosas, roídas, angelicais, venenosas, halitosas, apetitosas. O ar dos seus respiros vai desovando informações, os rumos, estrelas dos ventos.

Esse Paulo já está desenhado nas minhas pupilas, mas ainda não deitei os olhos nele. O descoberto foi que tem um fato nascido lá nos Rio Grande do Norte. Parido e amamentado, que lá no vale do Assú tem o seio do Brasil, o peito de moça, o Cabugi. Calculei de seguir, rota batida, até lá. Experimentar se esbarro com o homem nos caminhos, encruzilhadas do Tempo. Mas a dificuldade é dificultosa, demais. Não se pode ir voando, não parece de segurança. O modo é ir chacoalhando a poeira da estrada, fazendo cantar a areia do chão no duro da alpargata, desviando pandemia, evitando endemias. Decisão no bolso, é trilhar estrada. Mesmo longe: centímetros, metros, quilômetros e léguas de tapete preto; o ir e o vir separados pela linha amarela. Acabado de atravessar o Paraná, nas pontes do rio Tibagi e depois do Paranapanema, é fazer zig-zag no São Paulo todinho, virando Minas Gerais e tinindo seu triângulo, abocanhando o Goiás.

Chega, Catalão é bom pouso, céu lindo e a cruz da igreja São Francisco de Assis dominando céus. Ela e a torre da antena de comunicações, que já está mais perto ainda de Deus. Corpo amanhecido no café forte, é perseguir esse Goiás velho, cruzar o Distrito Federal e sapatear no coração doce da Bahia. É adonde mais baianas tem. O velho Mimoso, hoje Luís Eduardo Magalhães, permite um lanche na tarde abafada. O inverno foi bom, pode-se adivinhar na alegriazinha das plantas e no bafio da tarde. A lua é para uma pizza, rever amigos, descansar os ossos, filar um pouso. O rapazola, vestido de branco, no sotaque paulistano, pede mais uma cerveja e arrota: “beber nessa terra é legítima defesa”.

No brasilzão sem fim, depois de uma estrada vem mesmo é... estrada. Lá no horizonte, o chão preto beija brancas nuvens. O rumo, São Raimundo Nonato; já no sotaque suave do Piauí, a Serra da Capivara nos espera. Pode-se ver, mas só de longe mesmo. Nada de contemplar as inscrições rupestres, interdito de percorrer seus caminhos de trilhas que nos conduzem a outras eras. O coronavírus bloqueou até essa viagem no tempo. Já comprados dois tamboretos de couro de bode, curtido pelo seu Jacó, é seguir o rumo norte buscando a barulheira da serrinha, burburinho de Picos. Antes uma passada, um desviozinho, pra um lugar nenhum: Lagoa do Barro do Piauí, abertura de lugar de miséria de viventes. Só agora encontro uns irregulares no asfalto. Chegamos pro almoço. Tudo fechado; menos a hospitalidade sertaneja que nos consegue um de comer. O motivo do *enlargar* caminho é que o Marcos sonha em ler um texto publicado há coisa de duas décadas, em que ele fala de uma foto de Lagoa do Barro¹. Executada a cerimônia, é queimar gasolina e conferir a vida que ferve nas veias de Picos na toada da hora da *Ave Maria* dessa tarde adoçada a mel. Mais seguro comer no hotel, que o bichinho está espalhado nas veias da cidade.

Toca estrada na manhã que parece nem ter dormido, tão brilhante está. A ideia é rodar até Crato, matar a saudade, desembrulhar os olhos no Ceará. Ocorre um atropelo: Exú se interpõe no caminho. Carece entrar – visitar esse pedaço de Pernambuco, cidade natal de Luiz Gonzaga – ver se nosso cabra não está acoi-

1. REIGOTA, Marcos. *A floresta e a escola: por uma educação pós-moderna*. São Paulo: Cortez, 1999.

tado por ali, empoçado num forró. A entrada na cidade está impedida para curiosos. Ao contrário dos demais lugares, cidades ou lugarejos, além da simples aferição de temperatura e desinfecção do carro, do salpicar das perguntas: de onde vem, pra onde vai, fazer o que, onde, como, com quem; a equipe da saúde é mais rigorosa. Argumento que não tenho combustível, que errei caminho, como se por esses caminhos não fosse só o errar na busca incansável. Além do combustível, retorno com uma pequena prosa com o José Praxedes, antigo vaqueiro de Luiz Gonzaga, de longe, de máscara, no cuidado com o idoso. Deixo a promessa do retorno para o café curto e uma prosa demorada. Em Crato e no Juazeiro do Norte então, nem pensar: o coronavírus faz as vezes de coronel, manda e desmanda na cidade, no Estado, nesse mundão todinho. Alguma informação, que de tão perdida nem encontro origem, diz para seguir rumo Mossoró, ali por perto é que vai estar o objetivo da batida.

No Mossoró vejo que o povo está outro. Quando o cangaço passou por aqui, colocaram os bandoleiros pra correr. Agora chegamos forasteiros, na captura de um caboclo, e nos dão pouso, janta e café da manhã. Amansou. Ou tá só arroteando.

Estamos perto. Já dá pra sentir o bafo da toca da onça. Toda toca de onça tem carniça. Às vezes não tem é a pintada. Na estrada que vai chegando em Angicos, já tem notícia quente. O linguarudo não esperou chegarmos, mas deixou tudo anotado nos muros de casas ou empresas ao longo da estrada. Quem registrou a pista foi o assinado Gilvan. Já coloco mais um na minha lista de procurados, mas é pra adespois. Ali está o Paulo, estampado ao lado da cigana analfabeta que lê sua mão. Invencionice que é tão verdade

que nem aconteceu. Só mesmo conversa cantada na poesia de Chico César:

Cadeiras elétricas da baiana
Sentença que o turista cheire
E os sem amor, os sem teto
Os sem paixão sem alqueire
No peito dos sem peito uma seta
E a cigana analfabeta
Lendo a mão do Paulo Freire

O homem mesmo ainda não achei, mas a ilustração e a mão já desabrocharam. É por aqui que o caminho vai sem volta. Entrada de Angicos, equipe da saúde. Sem complicados assuntos. Só mesmo a missa de borrifa o carro, verifica temperatura, recomenda álcool gel e máscara. Entro tapado na cidade: máscara, boné e óculos de sol; já animado, que pairando sobre a cabeça do sanitarista potiguar, a foto do procurado, na placa que reza:

Em nenhum lugar do mundo
onde estive,
fiquei mais tocado do que
aqui e agora

Pronto, tenho a descrição todinha: cabra macho, cerca de 65 anos na foto antiga, vasta e alva barba, camisa de mangas compridas amarelecida pelo tempo, chapéu de couro de bode, óculos de míope. A camisa abotoada até o queixo, sinal de respeito e importância. Na cidade vou perguntando: *Paulo Freire, que é dele, se amoita aqui?* A resposta é sempre positiva. *E então, onde tá esse macho? Preciso dele, achar ele. Rodei onze Estados, cinco mil quilômetros de zig-zag e vai-vem. Tô na captura.* A Maria Auricé só sorri por baixo da máscara. Os olhinhos denunciavam. Ele tá aqui mesmo em Angicos, cada qual tem um cadinho dele, um tracinho de letra, uma carreirinha de palavras. É só fazer um morador de Angicos abrir o coração que você encontra ele. E foi! O diacho do vírus é que atrapalhou uma *tantada*. Mas valeu o improviso. Vamos falando de longe, sondando a dona Bia; desfraldando a fala da Silvana; conversando com Eneide por telefone. Proseando aos gritos por cima do muro com uns; falando só com o sorriso de olhares, com outros. Funcionou! Encontramos o cabra totalmente resguardado no cofre das boas lembranças do povo. Uns conheceram de se abraçarem, outros de ouvir falar do professor. O testemunho disso tudo é a significativa transformação da antiga ferroviária em Casa de Cultura Popular Paulo Freire. A sabedoria popular transformou esse lugar de origem e destino, de idas e vindas de trem, em um templo de viagem de conhecimento. Esse foi o recurso com que o cabra mudou o lugar. No 2021, Angicos faz uma festa porreta para comemorar o centenário desse pernambucano que invadiu a cidade munido da simplicidade do alfabeto e deixou o povo sabido, com cabeças cheias de letrinhas. Foi a primeira experiência de alfabetização de adultos com as técnicas

dele lá. Jeito de ensinar que ele aprendeu foi com o povo mesmo. Cabra esperto. Até o presidente da República ficou encantado, João Goulart. Mas aí veio a ditadura e... isso já é pra outra história, né? Agora ficou fácil: querendo topar Paulo Freire, no vivinho de tudo mesmo, é só vir até Angicos, abrir o sacrário do coração do povo – que é facilzinho de tudo – e pronto, tá encontrado o cabra.